

O diálogo entre margens. Uma entrevista com Sandra Jovchelovitch

Entrevistada

Sandra Jovchelovitch é psicóloga brasileira formada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Naturalizada britânica, é professora do o Department of Psychological and Behavioural Science (DPBS) da London School of Economics and Political Science (LSE) há mais de 20 anos e é diretora do Mestrado em Psicologia Sociocultural. Pesquisadora no campo das representações sociais, desenvolvimento comunitário e psicologia social da esfera pública, é autora e coautora de livros e artigos publicados em inglês e português, entre eles: *Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura* (Petrópolis: Vozes, 2008); *Representações sociais e espaço público: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil* (Petrópolis: Vozes, 2000); *From Social Cognition to the Cognition of the Social: Remembering Gerard Duveen. Papers on Social Representations* (2010); *Moscovici, S., Jovchelovitch, S. & Wagoner, B. Development as Social Process: Contributions of Gerard Duveen* (London: Routledge, 2013) e *Jovchelovitch, S. & Priego-Hernández, J. Sociabilidades Subterrâneas* (2013): identidade, cultura e resistência em favelas do Rio de Janeiro (UNESCO: Brasília, 2013).

Entrevista concedida em: Maio/2015

Entrevistadora

Mirela Figueiredo Santos Iriart
Doutora em Saúde Coletiva pela
Univ. Federal da Bahia - UFBA.
Professora da
Universidade Estadual de Feira
de Santana – UEFS.
Brasil
mifis36@gmail.com

DOI: 10.5965/1984724619412018308
<http://dx.doi.org/10.5965/1984724619412018308>

A pesquisa *Sociabilidades subterrâneas: identidade, cultura e resistência em favelas do Rio de Janeiro*, realizada sob a coordenação de Sandra Jovchelovitch entre os anos de 2009 e 2015, nas favelas do Rio de Janeiro (Cantagalo, Madureira, Cidade de Deus, Vigário Geral), junto às ONGs Afroreggae¹ e CUFA², em parceria com o Itaú Social e Itaú Cultural, Unesco e em intercâmbio científico com a UFRJ, foi o fio condutor dessa entrevista. A pesquisa revelou formas de sociabilidade invisibilizadas pela dinâmica social excludente, em que territórios e modos de vida ficam soterrados diante das desiguais formas de ocupação do espaço urbano. Por outro lado, lançou luz sobre a importância das redes colaborativas e criativas, que emergem nas relações comunitárias, como andaimes psicossociais, que podem alavancar processos de desenvolvimento humano e, conseqüentemente, as transformações da comunidade, e reconstruir o espaço urbano, pelo potencial de regeneração dos espaços públicos.

A entrevista ocorreu no Departamento de Psicologia Social da LSE em maio de 2015, quando da realização do estágio pós-doutoral da entrevistadora³. Ao longo da nossa entrevista, Jovchelovitch faz um balanço sobre os principais resultados da pesquisa que conduziu nas favelas do Rio de Janeiro e o compromisso com a transferência de conhecimentos. Ao chamar atenção para a necessidade da construção de políticas sociais, que atendam à necessidade de territórios marginalizados, onde se produzem sociabilidades subterrâneas, sinaliza que o primeiro passo é mapear o território, desvelar a riqueza do contexto, ampliando a visibilidade do que entende como uma inteligência coletiva, que já está lá. As sociabilidades positivas, seguindo a argumentação da pesquisadora, fundadas nas relações afetivas e na solidariedade comunitária, podem, em muitos casos, substituir as ausências e precariedades dos contextos de pobreza.

Além do papel das artes, da imaginação e da cultura criativa, Jovchelovitch sinaliza para a necessidade de se construírem fronteiras comunicativas, ou melhor, uma cidade comunicativa, que define como uma cidade: “onde as pessoas tenham a capacidade de se apropriar da rua, que a rua não seja um elemento de medo, de estranheza e violência,

¹ <<http://www.afroreggae.org/>>.

² <<http://www.cufa.org.br/index.php#>>.

³ Bolsista CAPES Estágio pós-doutoral, 02/2015 a 07/2015, processo 99999.006995/2014-04, na University of London, no Reino Unido.

onde o espaço público possibilite o encontro humano, o prazer humano, a capacidade de lazer”. E segue afirmando a correlação entre a expansão dos territórios ou das fronteiras sociais e a expansão do *self*, da autoestima, ou do valor que o eu atribui para si mesmo.

Atuar nas fronteiras urbanas é um dispositivo importante na ampliação do capital social dos jovens em territórios marginalizados. Na experiência da CUFA e Afroreggae, Jovchelovitch refere que eles atuam sobre estas fronteiras, “levando a comunidade para fora”, para que haja uma mudança mais significativa; afirma que é necessária uma via de mão dupla, evitando assim a guetificação, a segregação e exclusão social, que precarizam as experiências do *self*, como será possível refletirmos ao longo da entrevista.

Entrevistadora: O que as “sociabilidades subterrâneas,” categoria que dá título ao livro⁴, revelaram sobre os territórios marginalizados e sua invisibilidade?

Sandra Jovchelovitch: Varia muito de comunidade para comunidade. O que há de comum entre elas é que esses grupos, que se construíram e desenvolveram dentro das favelas, seus líderes, são da comunidade, cantam o território, eles têm uma identificação profunda com o território e isso os distingue de todos os outros tipos de movimentos sociais.

Entrevistadora: É isso que vocês entendem como iniciativas de base?

Sandra Jovchelovitch: Sim, eles são orgânicos, eles vêm do território e se produzem no território, buscam respostas sociais que vêm do território, que eles conhecem, e do qual eles são um produto.

Entrevistadora: Como eles (organizações de base construídas nas favelas) conseguem ampliar a circularidade e a visibilidade, na comunicação com a esfera pública?

Sandra Jovchelovitch: Eles têm um projeto de intervenção que tanto é social, como é político. Eles são claramente conectados com as comunidades, mas também são muito claros quando dizem que não querem ficar dentro da comunidade. Esses grupos agem

⁴ O livro pode ser obtido gratuitamente no portal da LSE, no link: <http://eprints.lse.ac.uk/53679/1/Priego-Hernandez_2013_Sociabilidades%20subterr%C3%A2neas.pdf>.

sobre aquilo, que na pesquisa, definimos como atuação em fronteiras urbanas. Isso significa que eles estão interessados em conexões urbanas. Por exemplo: não apenas eles querem levar a experiência da favela para a cidade, mas também querem trazer a cidade para a favela. Os caminhos que eles propõem são de mão dupla. Não é só o de construir oportunidades na comunidade, mas que os membros da comunidade possam sair e conhecer o resto da cidade, do país e até mesmo do mundo. Eles têm grandes projetos de expansão de redes e de circulação, que descobrimos estar relacionados à expansão da autoestima e do desenvolvimento do Eu. Esse foi um achado importantíssimo da pesquisa, o de que há uma relação entre a expansão dos territórios e a expansão do Eu (*self*), do entendimento de si, da autoestima, do valor que o eu dá para si mesmo. Eles atuam sobre estas fronteiras, levando a comunidade para fora, mas também, é importantíssimo lembrar, que eles não dizem “nós queremos sair daqui para fora”, eles querem que a cidade venha para dentro da favela. Por exemplo, espaços como o Centro Cultural Wally Salomão, como o Viaduto em Madureira, cumprem essa função, são espaços que interessam à cidade como um todo, porque são espaços culturais interessantes, espaços culturais atraentes, de ponta, que propõem cultura, identidade, enfim, uma série de atrações que interessam à cidade.

Entrevistadora: *Nesta perspectiva de ampliar as fronteiras, como se dá o intercâmbio de saberes, essa confluência entre classes e públicos variados, como, por exemplo, jovens de classe média que vão para o morro?*

Sandra Jovchelovitch: Essas trocas acontecem muito no Rio de Janeiro. As oficinas do Afroreggae e da CUFA envolvem todo tipo de jovem, muitos de classe média da zona sul. Eles sobem o morro porque estão interessados em fazer as oficinas do Afroreggae, como, por exemplo, o circo social. São oficinas interessantes para estes jovens de outras classes sociais. Parte do que acontece nesses espaços é o que a gente chama de contato transformador: ele possibilita uma nova relação dialógica entre jovens que geralmente estão separados por fronteiras urbanas muito delimitadas. Isso transforma completamente a cidade? Não, mas cria nichos de transformação, que são importantes e podem eventualmente contribuir para uma transformação mais profunda e estrutural da cidade. Eu, pessoalmente, não acredito mais naqueles modelos em que se pensa em

transformação social como um fim que se atinge, lá no final da história, como uma progressão teleológica, em que se vai avançando e vai chegar uma hora mística em que nós vamos ter a transformação social. A transformação social faz parte do cotidiano, se dá nos interstícios sociais, nos pequenos espaços, em que experiências dialógicas, as experiências de encontro e de comunicação e de transformação vão se construindo. A gente espera que possam ser experiências cumulativas, que possam sedimentar processos transformadores.

Entrevistadora: E que sejam formadoras também, no sentido de que possam favorecer o protagonismo juvenil.

Sandra Jovchelovitch: Elas, sem dúvida, são experiências formadoras; é o que faz com que elas sejam tão interessantes. Porque, o que é o protagonismo? O protagonismo é a capacidade de experienciar o protagonismo. Literalmente a experiência do protagonismo é o que cria o protagonismo, não é que o protagonismo acontece para depois se experienciar. Estas coisas vão se dando num processo de inter-relação, em que a experiência vivida constrói o protagonismo.

Entrevistadora: Como observaram as experiências de protagonismo juvenil durante a pesquisa? Essas experiências construídas na comunidade atingem mais diretamente o jovem, são transformadoras no nível das trajetórias pessoais?

Sandra Jovchelovitch: Muitas sim. É preciso lembrar que o jovem que vive em territórios marginalizados é um jovem exposto a trajetórias de vida que militam muito contra ele; uma trajetória de vida fundada na pobreza, na dificuldade de construir um projeto de vida fundado na educação, no emprego pleno, na saúde, nos direitos básicos da cidadania. Os territórios de exclusão e de marginalização no Brasil ainda são territórios onde há muita pobreza e ausência de cidadania e de direitos básicos. Isso tem um efeito na constituição da subjetividade humana.

Entrevistadora: Eu diria que isso também traz uma precariedade em relação aos recursos simbólicos.

Sandra Jovchelovitch: Sem dúvida, isso vai produzindo um déficit na autoestima, nas capacidades cognitivas, um déficit na imaginação. Eu encontrei muitos meninos nas favelas do Rio de Janeiro, que me disseram, claramente (e essa foi uma das experiências mais chocantes que experimentei como psicóloga, apesar de eu trabalhar há muito tempo, toda a minha vida trabalhei no Brasil com essas comunidades, fazendo pesquisas nesses espaços): “Eu vou morrer logo, eu não vou viver muito, eu vou morrer logo, tia, e mais adiante vem mais um”. Essa noção de que o Eu pensa sobre si mesmo como alguém que vai morrer logo, e ainda mais se considerarmos que são meninos de 14, 15 anos que estão produzindo esses enunciados, nos permite considerar a dimensão da opressão a que estão expostos, não tem outra palavra. É uma situação social literalmente...

Entrevistadora: *É uma redução da experiência do self.*

Sandra Jovchelovitch: Exatamente. Ela mata o *self*, produz a aceitação da morte, o predicado da morte na experiência do *self*. Então, isto está lá. Entretanto, o que para mim foi profundamente revelador, foi uma grande lição, foi uma experiência de vida muito rica, foi ver que, apesar da pobreza, da marginalização e dessa opressão, existe uma inteligência coletiva e uma resiliência muito forte vivendo às margens da cidade e isso se expressa nessa juventude, nesses novos atores sociais, que apesar de terem sido expostos a essas trajetórias tão difíceis, se recusam a cair, e resistem. Eles são resilientes, eles têm uma grande capacidade para a ação (*agency*). Isso nós encontramos muito vivo, muito presente nessas comunidades e é um dos achados mais interessantes da pesquisa, entender o problema da agência, da capacidade para a ação em contextos em que a adversidade é muito grande. Isso é um dos grandes achados e leva a novas questões investigativas, como, por exemplo: de onde vem essa resiliência? Um dos nossos achados é que essa resiliência vem dos andaimes psicossociais que se encontram na comunidade.

Entrevistadora: *Eu perguntaria ainda: quais são os ganchos simbólicos que eles conseguem acionar para exercer esse protagonismo?*

Sandra Jovchelovitch: O que nós encontramos na pesquisa é que a produção dessa agência está ligada ao que chamamos de andaimes psicossociais, que são ações e estruturas de apoio oferecidas por pessoas ou instituições durante a socialização. Andaimes psicossociais são andaimes de apoio e acolhida, oferecem o *containment*, o acolhimento, o *holding and handling*. Usamos na pesquisa os conceitos winicottianos para definir o conceito de andaime psicossocial, combinados com os *insights* de Vigotsky e Bruner. Da psicanálise de Winnicott, trabalhamos com a noção de *handling e holding* e a elas combinamos a noção de *scaffolding*, que significa literalmente andaime. Os andaimes psicossociais são o principal preditor da capacidade da agência na construção de uma rota de socialização positiva.

Entrevistadora: *No papel de quem – de um agente social, de uma figura afetiva ou de uma ação criativa?*

Sandra Jovchelovitch: Tanto faz. O que propomos no livro é que os andaimes psicossociais, ainda que tradicionalmente tenham sido concebidos como uma provisão da família nuclear – geralmente o papel da mãe ou do cuidador na rota da socialização –, na verdade podem ser fornecidos por qualquer pessoa ou qualquer instituição que cuida.

Entrevistadora: *Como um outro significativo?*

Sandra Jovchelovitch: Sim, como um outro significativo. O Afroreggae e a CUFA, por exemplo, cumprem esse papel. Ouvimos muito claramente nas falas de nossos entrevistados metáforas como: “a CUFA é uma mãe para mim”; “o Afroreggae é um pai para mim”; “Júnior [um dos líderes da CUFA] é como um pai para mim, ele me apoiou, ele cuidou de mim quando eu estava precisando”. Então esses líderes, esses ativistas dessas organizações, eles prestam muita atenção à experiência individual, eles tomam cuidado com o sujeito individual, eles operam como o que definimos pais simbólicos, cumprindo o papel de pais cuidadores, que dão carinho, que contêm, que fazem uma contenção amorosa, que seguram e dão apoio, e que também ensinam as regras do jogo. Isso é

muito importante, por que nos projetos deles, além do *holding*, eles também fazem um *handling* winicottianos. Eles ensinam as regras, os limites, as fronteiras, que tem que ter responsabilidade, que tem de prestar atenção.

Entrevistadora: *Que tem de aprender a como transitar pelas fronteiras.*

Sandra Jovchelovitch: Sim, tem que aprender a se relacionar, aprender que existem outras pessoas no mundo, que eu preciso respeitar o direito dos outros. Todas essas são formas de como eles trabalham dentro das comunidades. Um trabalho fantástico, que vai desde a atenção individual e comunitária, passa pelo trabalho com a imaginação, até chegar na atuação das fronteiras urbanas. São os processos de comunicação com a esfera pública, em nível da cidade, do país e do mundo. Por exemplo, o filme “Falcão: os meninos do tráfico”, foi um filme que saiu da favela e chegou a ser transmitido pelo Fantástico. Atraiu a atenção do presidente da República [Lula, à época] que telefonou diretamente à CUFA, para conhecer essas pessoas. Então, é um trabalho que atravessa fronteiras, que chama atenção, que estabelece uma nova agenda de discussão também na esfera política do Brasil.

Entrevistadora: *Que rotas esses jovens podem reconstruir nessas experiências? Vocês perceberam alguma experiência transformadora? Sabemos que, em geral, as trajetórias em contextos vulneráveis são trajetórias de risco, com baixa expectativa de vida, mas a experiência com a arte e a imaginação podem reconfigurar a experiência de si e redirecionar essas trajetórias?*

Sandra Jovchelovitch: Sem dúvida essas experiências com esses grupos reconfiguram trajetórias de vida. Eles competem diretamente com o narcotráfico pelo controle da socialização desses jovens da favela. Porque o narcotráfico continua crescendo, continua sendo o grande ordenador da vida comunitária, com a ausência ou presença precária do Estado, o narcotráfico controla as fronteiras, estabelece leis, oferece emprego, oferece cuidado. Muitos dos líderes antigos do tráfico se comportavam como Robin Hood, escutamos muito essas histórias. O Feijão, um ex-traficante, que trabalhou no Afroreggae, disse isso claramente: “Quem eram os meus heróis?” ele pergunta, e

responde: “Eram os bandidos, os traficantes, esses eram os heróis, porque eram eles que faziam o bem na comunidade, que ajudavam e que protegiam quando era necessário”. O que o Afroreggae e a CUFA fazem é apresentar outros heróis, outros modelos de identificação, outras possibilidades, outras trajetórias. O interessante é ver como essas instituições sociais se comunicam, porque o narcotráfico até pouco tempo atrás jamais impediu o Afroreggae, ou nenhum membro, de seguir o seu caminho. Óbvio que eles têm códigos super rígidos, mas quem não quiser ficar no tráfico, segue o seu caminho se não estiver devendo nada. Em visita de campo à favela, eu estava com o José Júnior e um traficante perguntou para ele, “Dai, Júnior, quando é que você vai me tirar dessa vida? Não aguento mais essa vida”. Porque vida de traficante não é fácil, eles morrem, têm uma expectativa de vida muito baixa, e eles sabem disso. Então, é óbvio que essas organizações oferecem outras trajetórias de socialização que passam pela arte, por rotas de socialização diferentes. Documentamos no livro inúmeros casos de membros da comunidade que puderam se transformar em artistas, músicos, adotaram uma rota positiva de socialização.

Entretanto, precisamos tomar cuidado, porque esses grupos não substituem o papel do Estado, nem devem substituir. Eles não substituem principalmente o papel da educação formal. Porque continua sendo um fato que, para essa juventude, a rota positiva da socialização é oferecida através de grupos informais e através das atividades artísticas. Muitos desses jovens têm outros sonhos, querem ser médicos, engenheiros, querem sonhar a abrangência de possibilidades que está aberta a qualquer jovem de classe média. Mas, isso ainda é um limite bastante forte, porque as estruturas formais que vêm do Estado, da provisão de serviços e da educação, não estão presentes. São muito frágeis. Mas a escola... não nos enganemos, isso eu faço questão de repetir, nada substitui a escola formal. Eu sei que a pesquisa demonstra a importância dessas organizações de base [*bottom up social development*], mas quero reforçar muito, e isso está nas nossas recomendações com todas as letras, que o Estado tem muito o que aprender com essas organizações e que o Estado pode desenvolver a escala dessas intervenções através dos seus próprios serviços, mas que essas organizações não substituem o Estado e nem oferecem um alibi para o Estado não estar mais lá. Se fosse

assim, os jovens da classe média não precisariam frequentar a escola, era só colocá-los nas oficinas. Daí a importância do diálogo entre o *bottom up* e *top down*. O que essas organizações têm a oferecer ao Estado? O *know how* da comunidade, o saber. Por que a escola não funciona? Por que existe evasão escolar? Por que nas oficinas da CUFFA e Afroreggae a meninada aguenta, produz e gosta? Porque tem alguma forma presente naquelas experiências que se adapta às necessidades e à cultura daquelas pessoas. A escola precisa enfrentar o desafio de se comunicar com as várias culturas que constituem a cultura do Brasil. Isso tem a ver com a cultura de pobreza, porque a cultura da pobreza constrói uma cultura própria. Em qualquer escola, não apenas na favela, todo mundo sabe que uma criança de oito anos não aguenta ficar oito horas sentado em uma sala de aula; não condiz com suas necessidades, isso não constitui o estágio de desenvolvimento que ela está vivendo, elas precisam se mexer. Na cultura da pobreza, isso é ainda mais acentuado.

Entrevistadora: *É uma escola pobre para pobres.*

Sandra Jovchelovitch: Exatamente. Esta é uma questão central na atuação do Afroreggae. Quando construíram o Centro Cultural Wally Salomão, eles tinham uma visão que era bem clara, “queremos que esse centro tenha tudo que existe de melhor”. A noção de um serviço pobre para pobres deve ser rejeitada e eles têm isso muito claro, não deixam acontecer ali. Eles têm noção desse problema.

Entrevistadora: *Esse protagonismo dos jovens dentro da comunidade cria algum impacto, por exemplo, na escola que eles frequentam?*

Sandra Jovchelovitch: Eles têm muitas parcerias. Depois que produzimos o livro, eles nos disseram de uma forma brincalhona: “a gente nem sabia que fazia tudo isso”. De certa forma, produzimos uma linguagem que, nós esperamos, seja capaz de fazer essa experiência viajar, e é isso que estamos fazendo nesse momento. Nós estamos trabalhando em um *toolkit*⁵, um kit de ferramentas para colocar os achados da pesquisa

⁵ O *toolkit* já pode ser obtido gratuitamente em inglês e português no portal da *London School of Economics*,

em linguagem acessível e prática, para que outras comunidades e contextos possam utilizar isso.

Entrevistadora: Essa é outra questão que gostaria de colocar: como vem se dando a transferência dos resultados da pesquisa?

Sandra Jovchelovitch: É com isso que estamos trabalhando neste momento. Estaremos concluindo a devolução em julho de 2015, mas nesses dois últimos anos que se seguiram à realização da pesquisa, tivemos oportunidades fantásticas de nos comunicarmos com os mais variados atores sociais sobre os nossos achados. Dessas experiências, a que está mais forte no meu coração, foram os dois seminários de devolução para as favelas, com material feito para eles. Esse é um material de devolução que foi feito para as favelas; todos os conceitos importantes da pesquisa estão aqui [*mostra-me um material impresso no formato de cartilha*]. Eles foram trabalhados dentro das favelas, através de oficinas e posteriormente distribuídos para os membros da comunidade. O material está à disposição no *site* da pesquisa⁶ e no *site* da UNESCO⁷. Fizemos três seminários, um em Londres, em novembro de 2014. Tanto a Negra Giza da CUFA, como o Renê do Voz da Comunidade, estiveram na *London School of Economics*. O Celso Athaide, da CUFA, também esteve aqui em setembro de 2012, para o lançamento da pesquisa no Reino Unido. Também lançamos a pesquisa na favela do Cantagalo, em 2012. Além disso, temos o *site* Favelas LSE, temos trabalhado para fazer essa comunicação. E agora o projeto vai se concluir, com muita tristeza, mas também com o sentimento de que conquistamos muita coisa. Vamos lançar o *toolkit* em julho de 2015 no Brasil, junto à Embaixada Britânica. Isso vai permitir que os achados da pesquisa possam ser usados pelos operadores de políticas públicas, ativistas e movimentos de base.

nos seguintes links: <<http://eprints.lse.ac.uk/62563/1/ToolkitSocialDevelopmentLSE2015.pdf>> e <http://eprints.lse.ac.uk/62564/1/Desenvolvimento%20social%20de%20base_2015_author.pdf>.

⁶ <<http://blogs.lse.ac.uk/favelasatlse/>>.

⁷ <<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002238/223831por.pdf>>.

Entrevistadora: *Quais as principais recomendações para os operadores de políticas públicas e/ou para a escola?*

Sandra Jovchelovitch: As recomendações mais importantes que saem da nossa pesquisa, são de mapear o potencial de cada contexto, antes de tratar o contexto como se ele fosse deficitário. Todo contexto humano tem a sua própria riqueza. Eu tenho muito orgulho de ter contribuído para mapear a riqueza da cultura da favela, de ter descoberto a riqueza dessas vozes. Saio convencida de que pessoas como Celso Athaíde, Negra Giza, José Júnior, se tivessem as mesmas oportunidades que eu tive na vida, seriam muito melhores do que eu, são pessoas inteligentíssimas, capazes. Aprendam a mapear a riqueza de um contexto. O que chamamos em inglês de *Smart Policies*: fundam-se sobre a inteligência dos contextos, elas trabalham junto com a inteligência da comunidade. Isso é um grande achado, descobrir o que já está lá.

Entrevistadora: *Um potencial humano que está encoberto.*

Sandra Jovchelovitch: É, subterrâneo. O segundo grande achado é que políticas sociais são fundamentais, elas produzem uma diferença imensa na qualidade de vida e na trajetória de desenvolvimento humano. Nós, humanos, precisamos de outros para sobreviver bem. As sociedades humanas são profundamente necessárias na constituição de indivíduos. O que descobrimos, e que a gente quer transformar em ferramenta, é que o apoio, a atenção e o suporte mudam a trajetória de vida. Uma das coisas que estamos colocando no nosso *toolkit* é como produzir esse apoio, essa atenção e esse suporte, em comunidades onde a única atuação é de iniciativas de base. Além do papel das artes, da imaginação e da cultura criativa, a necessidade de construir fronteiras comunicativas.

Entrevistadora: *Essa é uma outra questão interessante, o que seria uma cidade comunicativa?*

Sandra Jovchelovitch: Cidade comunicativa é uma cidade onde as pessoas se sintam confiantes para caminhar por toda cidade, sintam confiança e conforto nas suas ruas, é uma cidade que não precisa de *shopping centers*, que não precisa só de carros, onde as

peçoas tenham a capacidade de se apropriar da rua, que a rua não seja um elemento de medo, de estranheza e violência, onde o espaço público convida e possibilita o encontro humano, o prazer humano, a capacidade de lazer. Uma cidade que tem parques, que tem vias comunicativas e com um bom sistema de transporte público, onde não se tenham comunidades segregadas. Uma cidade sem guetos. No Brasil, as grandes capitais são cidades divididas por muros, muros da pobreza e muros da riqueza, a guetificação acontece entre ricos e pobres. Algumas cidades menos, o Rio de Janeiro não desapropriou completamente a rua.

Entrevistadora: *Se for comparar, por exemplo, com Salvador e outras cidades da Bahia.*

Sandra Jovchelovitch: Comparado com Porto Alegre, por exemplo, a classe média não usa a rua, a classe média tem medo da rua. A rua é do pobre, no Brasil.

Entrevistadora: *O público é um espaço que não me pertence, que não precisa ser cuidado.*

Sandra Jovchelovitch: Sim, escrevi sobre isso em outro livro sobre a psicologia da esfera pública no Brasil. De uma certa forma, o estudo das favelas retoma o meu estudo de 20 anos atrás, sobre as representações sociais da esfera pública.

Entrevistadora: E essas sociabilidades subterrâneas teriam um papel na construção de uma cidade comunicativa?

Sandra Jovchelovitch: Sem dúvida, elas têm um papel fundamental, estão, na minha opinião, apontando um caminho. Elas estão informalmente reconstruindo o espaço da cidade, elas regeneram os espaços públicos. Transformam a favela do Cantagalo em um espaço interessante, onde as pessoas querem subir o morro para ir lá; tem um painel enorme do Portinari, uma piscina, uma biblioteca.

O que a CUFA e o Afroreggae fazem objetivamente é uma tentativa de destruir barreiras e segregação. Esse é um trabalho importantíssimo e necessário, porque não nos enganemos: a segregação existe. A cidade partida continua partida. Precisa acontecer

uma via de mão dupla, para mudar. No morro, na favela, estão os maiores índices de pobreza, e na praia, no asfalto, a riqueza. Essas duas cidades precisam se encontrar, se incomodar. Esses encontros devem acontecer e não só pelas vias da violência. As sociabilidades subterrâneas, historicamente, no Brasil, em Londres, emergem pela via da violência. Quando o tráfico de drogas fecha vias urbanas, e o tráfico faz esse controle violento de fronteiras, isso afeta muito os membros da comunidade. Diferentes facções controlam diferentes territórios, a luta entre facções rivais vira a lei da comunidade, impedindo algumas pessoas de se encontrarem.

Sem dúvida, os traficantes ajudam, mas a lei do narcotráfico é a lei de uma sociedade sem Estado. De um lado, a corrupção da polícia e, de outro, a mão de ferro do narcotráfico; não existe vida para quem está sob o jugo da guerra entre esses dois atores. Isso é o que acontece com a população pobre dos grandes centros urbanos; estão entre o fogo cruzado dessas duas instituições.

Entrevistadora: Poderíamos concluir, então, afirmando que as tramas que se dão nas margens podem produzir mudanças sociais?

Sandra Jovchelovitch: Podem, mas como eu te disse, as mudanças sociais não se constroem de forma teleológica e total, acontecem na organicidade do cotidiano, em que atores sociais, através das suas parcerias, dos seus recursos, vão construindo alternativas àquilo que não lhes serve. Esses atores são fundamentais na consolidação da democracia brasileira, principalmente no processo de trazer para a esfera pública vozes que sempre estiveram excluídas. Embora não transformem completamente a cidade, podem contribuir com a transformação social, se a compreendermos, como mudanças que vão se dando no cotidiano, nos interstícios sociais, nos pequenos espaços, em que experiências dialógicas, as experiências de encontro e de comunicação vão se construindo.

Entrevistadora

Neste ponto da nossa conversa, reflito sobre aquilo que Raposo (2012) diz acerca da cultura *hip hop* ser um disparador de ações e de encontros, que fomenta o fluxo dos jovens para além das fronteiras da periferia, possibilitando a sua circulação para outros territórios da cidade e potencializando a ação destes sujeitos, ao propor novos usos da cidade através de ações mobilizadoras, exercendo uma “cidadania insurgente”. Como afirma Canclini (2012), a música vem constituindo este espaço, em que os jovens realizam, através de suas performances, novas apropriações e significações da cultura e do espaço urbano, realinhando as relações centro e periferia, local e global, em um exercício de autonomia criativa, que amplia a capacidade de agenciamento juvenil, sobretudo quando podem acessar meios e recursos de produção artística e de comunicação.

Jovchelovitch conclui que apesar da adversidade dos contextos, o indivíduo resiste, pelo poder transformador da atividade imaginativa, que expande o espaço potencial e a liberdade semiótica, por meio dos quais o *self* se projeta no tempo e no espaço, para além do aqui e agora, reconfigurando-o. Pudemos perceber, ao longo da entrevista como redes criativas e colaborativas, ao serem ativadas e fortalecidas, podem ampliar a autoestima, aumentar a organização comunitária e a apropriação criativa da cidade. Como assinalaram Jovchelovitch e Priego-Hernandez (2013), quanto mais porosas as fronteiras sociais, mais amplas as experiências do *self*, favorecendo formas de sociabilidade mais autênticas e reordenando o espaço urbano e suas margens. Nesse sentido, ao se fortalecer a visibilidade das culturas produtivas de periferia, está se fortalecendo uma micropolítica das margens, regenerando espaços marginalizados e ampliando as fronteiras da cidade.

O diálogo entre margens. Uma entrevista com Sandra Jovchelovitch
Mirela Figueiredo Iriart

Referências

CANCLINI, Néstor García, CRUCES, Francisco, CASTRO, Maritza Urteaga (Orgs.). **Jóvenes, cultura urbana y redes digitales: PRÁCTicas emergentes em las artes, las editoriales y la música.** Madri, Fundación Telefonica; Barcelona, Editorial Ariel S.A. 2012. Disponível em: <<http://educared.fundacion.telefonica.com.pe/publicaciones/jovenes-culturas-urbanas-y-redes-digitales-practicas-emergentes-en-las-artes-las-editoriales-y-la-musica/>> Acesso em: 01/04/2015.

DUNCOMBE, Stephen. **Cultural Resistance:** reader. Londres/Nova York, Verso, 2002. p.182-192.

JOVCHELOVITCH, Sandra; PRIEGO-HERNANDEZ, Jaqueline. **Sociabilidades subterrâneas:** identidade, cultura e resistência nas favelas do Rio de Janeiro. Brasília: Unesco. 2013. E-book Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002238/223831por.pdf>> Acesso em: 19/11/2014

RAPOSO, Otávio. Coreografias de evasão: segregação e sociabilidade entre os jovens do break dance das favelas da Maré, **Etnográfica**, v.16 , n.23, p. 2315-338, 2012.

Recebida em: 21/02/2018

Aprovada em: 22/10/2018

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED

Revista PerCursos

Volume 19 - Número 41 - Ano 2018

revistapercursos@gmail.com